

# 1.

## Introdução

O Concílio Vaticano II (1962-1965) se constitui no maior evento da Igreja Católica no século XX. O Concílio provocou um movimento grandioso de abertura da Igreja à realidade histórica, retomando o caminho do diálogo com a sociedade. O Concílio ainda procurou recolocar para o mundo contemporâneo a questão da Igreja, acentuando que no cenário da Modernidade, ela figure como servidora e dialogante para com os problemas do mundo atual. Iniciando-se os preparativos para a celebração dos cinquenta anos do Concílio Ecumênico Vaticano II, temos um tempo propício para retomar a sua grande inspiração.

O objetivo maior do Vaticano II era na reflexão do papa João XXIII, a evangelização do mundo atual. Como fazer para que o mundo de hoje acolha o Evangelho? Como anunciá-lo e vivenciá-lo no mundo atual? A intenção do Concílio era eminentemente pastoral: reler e reinterpretar o Evangelho para os nossos dias.

Junto com a intenção pastoral, o Vaticano II apresenta um espírito novo, um novo estilo e modo de ser. Não era desejo do Concílio abolir ou condenar o passado, nem limitar-se à retomada meramente repetitiva das verdades dogmáticas defendidas pelos Concílios anteriores, mas tão-somente abrir-se ao novo que estava sendo gestado.

O Espírito inspirava a João XXIII o desejo de *aggiornamento* eclesial que significou um escutar, um ir ao encontro, um abrir-se às justas exigências do mundo de hoje, em suas profundas mudanças de estruturas, de modos de ser, inserindo-se no mundo para ajudá-lo, respeitando sempre a sua autonomia relativa, num espírito de doação, de caridade total e de diálogo compreensivo. É considerar a maneira de pensar e ser das criaturas humanas, para apresentar o Evangelho de Jesus Cristo como única mensagem capaz de salvar. Trata-se de uma abertura crítica ao mundo de hoje, fundamentada no Evangelho. É o aspecto encarnacionista do mistério da Igreja, a sua historicidade, com especial atenção aos sinais dos tempos. Ressalta-se aqui a importante participação da Igreja na história humana.

O Vaticano II possibilitou, dessa forma, uma nova concepção teológica da salvação. A salvação não é colocada antes ou depois do mundo, mas dentro do mundo. Ela constrói-se neste mundo, onde estão presentes as sementes do Verbo, embora não se esgote com a realidade e na realidade desse mundo. É a teologia do Reino de Deus já inaugurado e atuante no mundo, mas ainda não em sua plenitude. Assim sendo, não mais fuga do mundo, mas presença evangélica atuante no mundo. A Igreja sentiu-se compelida diante do mundo a tomar decisões e dar um novo rumo à sua missão de evangelizar, nascendo daí, novas atitudes que implicassem em um novo modo de comunicar a sempre nova e boa notícia da presença do Reino de Deus, revelado por Jesus Cristo, o qual rompe com toda uma escala de valores estabelecida, orientando sua prática para os pobres, a fim de que possam descobrir nas suas próprias vidas os sinais de libertação e salvação.

A ação do Espírito que, inesperadamente, tinha inspirado o papa João a convocação do Concílio, manifestou-se, de modo surpreendente, em toda sua força no desenrolar do Concílio. O *aggiornamento* proposto à Igreja não consistia apenas numa modernização superficial para dar-lhe uma configuração mais atraente ou mais simpática diante do mundo moderno. Esse movimento levou a mudança de uma Igreja-Sociedade-Perfeita para uma Igreja-Comunidade, inserida no mundo, a serviço do Reino de Deus; de uma Igreja-Poder para uma Igreja-Pobre, Despojada e Peregrina; de uma Igreja-Autoridade para uma Igreja-Serva, Servidora, Ministerial; de uma Igreja-Piramidal para uma Igreja-Povo de Deus; de uma Igreja Pura e sem mancha para uma Igreja Santa e Pecadora, sempre necessitada de conversão e de reforma; de uma Igreja-Cristandade para uma Igreja-Missão, uma Igreja toda ela Missionária.

O *aggiornamento* conciliar, aprovado pela assembléia episcopal presidida pelos papas João XXIII e Paulo VI e confirmado pelos papas que os sucederam não é para a Igreja um caminho opcional, é sim exigência da fidelidade à fé. É um caminho aberto à esperança e proposto à oração. O Espírito que o inspirou irá mostrando os instrumentos e formas de sua realização. Uma coisa é certa, neste momento da história em que experimentamos a desconstrução das formas tradicionais de se viver a totalidade da vida e, nela, a dimensão religiosa e onde emerge, portanto, um mundo construído sobre a tutela do imanente e do imediato, com grande

pluralidade de ofertas culturais, morais e religiosas, onde a lógica consiste em escolher aspectos parciais e construir, cada um, seu próprio conjunto de valores e normas, num tempo para muitos de desilusão e de desencanto sobre o futuro da Igreja, num período no qual os sinais de desconforto e cansaço pastoral se multiplicam e são por alguns com demasiada facilidade negados ou subestimados na sua mensagem de urgente necessidade de mudança, a Igreja de Jesus Cristo só reencontrará a força do Evangelho, seguindo o caminho kenótico, de total despojamento, d'Aquele que, “*apesar de sua condição divina, não fez alarde de ser igual a Deus, mas esvaziou-se de si e tomou a condição de escravo, fazendo-se semelhante aos homens. E mostrando-se em figura humana, humilhou-se, tornou-se obediente até a morte, e morte de cruz*” (Fl 2,5-8). A dificuldade para a recepção do Concílio talvez esteja aqui. Contudo, aqui está também a força e a fonte da esperança. Trata-se de um apelo à conversão que deve ser assumido pela Igreja em todos os seus níveis.

As Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano, a partir da tradição do Vaticano II, também assumiram desde o início uma perspectiva eminentemente pastoral, caracterizada por um tríplice olhar, tendo no centro a Igreja: ver a realidade que interpela a Igreja, refletir sobre ela à luz da fé e orientar a ação pastoral. Como no Concílio, também para as Conferências Gerais uma pergunta central se apresenta: como ser Igreja na atual situação do mundo? Para responder tal indagação, percebeu-se ser necessário analisar em profundidade a realidade social, econômica, política, cultural, religiosa e eclesial. Essa realidade tem um nome, chama-se: América Latina. Esta análise confrontou-se com a dureza da vida em nosso Continente. Dessa forma, um primeiro olhar se deteve em *ver* tal contexto social nos desafios que levantava à Igreja. Assim se conseguia identificar os problemas e se buscava, na Revelação, luz para interpretá-los, trata-se do *julgar*, e estes desafios, por sua vez, provocavam nova compreensão da fé numa relação dialética que levava à modificação da prática pastoral, portanto, ao *agir*. Temos aqui a estrutura metodológica que marcará as Conferências de Medellín (1968), Puebla (1979) e Aparecida (2007).

A partir da perspectiva do Vaticano II, buscou-se atualizar a missão da Igreja na América Latina que já vivia profundas transformações sociais, culturais e políticas. Procurou-se assumir o desejado *aggiornamento* do papa

João XXIII, a partir de uma realidade de extrema pobreza e exclusão, que afetava a imensa maioria do povo neste Continente. Hoje, diante do fundamentalismo do mercado e do fenômeno do pluralismo religioso e espiritual, fazem-se necessárias novas posturas e respostas eclesiais. A Igreja precisa reencontrar o caminho de sua vocação e identidade fundante. Ela deve procurar efetivamente responder as questões que se lhe apresentam. Deve à luz da Revelação anunciar a Boa-Nova em tempo de desesperança. A Igreja deve conscientizar-se daquilo que ela é, promotora da vida e edificadora do amor, por isso o que caracteriza a consciência contemporânea da Igreja é o seu caráter de *diakonia*. Diante do mistério universal da redenção de Cristo, a Igreja reconhece-se como servidora, de todos os homens e mulheres salvos por Cristo, ou seja, a Igreja cumpre sua missão, colocando-se a serviço do ser humano.

Na América Latina esta nova concepção de Igreja, que vem adquirindo corpo desde Medellín (1968) com sua postura profética de denuncia das estruturas de pecado e opção pelos pobres, assume a responsabilidade em relação a situação do ser humano latino-americano concreto, e demonstra isso, não só sentindo-se solidária com suas angústias e esperanças, não só desejando conhecê-las, mas assumindo-as efetivamente, a fim de oferecer aos pobres a plena libertação e salvação integral em Cristo (GS, 1).

A presente pesquisa buscará mostrar a importância e a pertinência desta Eclesiologia Latino-americana que é fruto do encontro da Eclesiologia do Concílio Vaticano II com uma Igreja que nasce do povo, desafiada a amadurecer e consolidar sua identidade, e tal convergência vai possibilitar novas respostas aos desafios de uma nova eclesiologia frente às dificuldades da evangelização na cultura atual. Esta eclesiologia, a partir do Vaticano II, busca uma nova imagem da Igreja a partir de baixo, dos pobres e das vítimas, ela quer ser um sinal visível na construção do Reino de Deus, contemplando-o pela ação de Jesus como boa nova aos pobres. De fato, a Eclesiologia Latino-americana tem algo novo a oferecer para a Igreja Universal, e pode contribuir para a superação dos desafios que se apresentam em nossos dias.

O trabalho, seguindo o método descritivo e analítico, estará dividido em 03 (três) capítulos onde propomos demonstrar “A Eclesiologia Latino-americana como acolhimento criativo do Vaticano II”. Trata-se de um percurso

que se inicia a partir do Concílio Vaticano II, com exposição e análise, sobretudo das Constituições *Lumen Gentium* e *Gaudium et Spes*, e mostrando como o Concílio possibilitou uma eclesiologia latino-americana, que é reconhecida e valorizada nos documentos das Conferências Gerais do Episcopado Latino-americano<sup>1</sup>. Ao inserir-se na linha da dinâmica evangelizadora das Conferências do CELAM, poderemos apontar algumas perspectivas eclesiológicas atuais para a evangelização e a missão permanente, a partir da caminhada mesma do Vaticano II até a Conferência de Aparecida.

No *capítulo A Eclesiologia do Vaticano II: um novo paradigma de compreensão* apresentaremos a nova compreensão e consciência que alcançou a Igreja em relação a sua realidade profunda, ou seja, a seu mistério, sua constituição e vitalidade interior, sua vocação e missão; a busca de caminhos para uma Igreja que pretende marcar presença, de estar a serviço e por isso demonstrou disposição em criar canais possíveis de diálogo. Analisaremos a perspectiva Eclesiológica da *Lumen Gentium* (LG) e da *Gaudium et Spes* (GS): Igreja como Povo de Deus e Igreja servidora e dialogante para com os problemas do mundo contemporâneo. Veremos como que a mudança e renovação conciliar confirmam a elaboração de uma eclesiologia que tem como meta a perspectiva pastoral e a adaptação desta aos desafios da realidade contemporânea.

No *capítulo Nova Consciência da Igreja na América Latina*, mostraremos como que, à luz das perspectivas eclesiológicas da LG e GS, as Conferências Gerais do CELAM, que são eminentemente pastorais, com a finalidade de atualizar e promover a evangelização na América Latina possibilitaram uma renovada e criativa recepção do Vaticano II, não apenas aplicando suas Constituições e Decretos às Igrejas particulares, mas reinterpretando todo o evento Conciliar a partir da realidade deste Continente. Veremos ainda que, as consequências eclesiológicas deste caminho se apresentam como contribuições atuais e tarefas importantes para toda a Igreja.

---

<sup>1</sup> Os bispos na Conferência de Aparecida com grande clareza reconhecem que, às vezes, católicos afastam-se do Evangelho, porque “nos tem faltado valentia, persistência e docilidade à graça de prosseguir, fiel à Igreja de sempre, a renovação iniciada pelo Concílio Vaticano II, impulsionada pelas Conferências Gerais anteriores, e para assegurar o rosto latino-americano e caribenho de nossa Igreja” (cf. DAp, 100, h).

No *capítulo Missão da Igreja Latino-Americana a partir da Conferência de Aparecida* apresentaremos os rumos eclesiais que a mais recente Conferência Geral, resgatando a herança conciliar e situando-se na tradição latino-americana, aponta em nossa atualidade, para que a Igreja seja mais servidora a exemplo de Jesus Cristo, mais missionária comprometida com a libertação do ser humano todo, mais evangelizadora colaborando com a construção de uma nova sociedade, que tem Cristo e o seu projeto do Reino da Vida como alicerce. A mudança de época pede uma nova configuração à Igreja que deverá levar a mensagem da Boa-Nova de Jesus em consonância com a nova realidade. Veremos como que a eclesiologia do Documento de Aparecida indica as bases para essa nova configuração eclesial local e também, como recontextualiza uma questão fundamental da Igreja neste Continente: a opção preferencial pelos pobres e novos excluídos.

Por fim, constatando que a realidade mudou e que novos desafios exigem também novas respostas e posturas pastorais, buscaremos, a partir de uma visão global de todo o estudo realizado, apontar algumas perspectivas eclesiológicas que vão na direção de uma nova recepção da herança conciliar assumida pela Igreja da América Latina.